

Aquisição de estruturas clivadas no português europeu: produção espontânea e induzida¹

Maria Lobo^{*}, *Ana Lúcia Santos*^{**}, *Carla Soares*^α

^{*}Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa/CLUNL, ^{**}Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa/CLUL, ^αUniversité Paris Diderot, LLF

Abstract

This paper focuses on the acquisition of cleft sentences by monolingual Portuguese children. Leaning on the analysis of longitudinal data from the spontaneous production of six children from 1;2 to 4;6 and on the results of an elicited production task carried out with 3-6 year old children, it argues in favour of the hypothesis that computational complexity determines the order of emergence and the development of cleft structures in the child speech.

Keywords: acquisition, clefts, fragments, spontaneous production, elicited production

Palavras-chave: aquisição, clivadas, fragmentos, produção espontânea, produção induzida

1. Enquadramento

O estudo da aquisição das estruturas clivadas permite-nos refletir sobre a aquisição e o desenvolvimento de conhecimentos linguísticos de natureza distinta. Do ponto de vista sintático, a produção de clivadas implica a capacidade de construção de diferentes estruturas que envolvem a periferia esquerda da frase, bem como a capacidade de estabelecer cadeias operador-variável. Do ponto de vista da interface entre a sintaxe e o discurso, a produção de uma clivada implica a capacidade de associar uma leitura de foco a uma estrutura sintática específica e ainda o domínio dos diferentes matizes semântico-pragmáticos associados a cada tipo de estrutura clivada.

O português europeu é uma língua particularmente interessante para o estudo da aquisição das clivadas, uma vez que dispõe de uma variedade de estruturas clivadas,

Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, pp. 319-339, ISBN 978-989-97440-1-1.

¹ Agradecemos a colaboração do Jardim Infantil Pestalozzi e do Jardim de Infância Letrinhas. Agradecemos ainda a colaboração de Mariana Silva, Stéphanie Vaz, Anaísa Gordino e Raquel Mendonça na recolha e tratamento de alguns destes dados.

com propriedades sintáticas e discursivas distintas. Como descrito por vários autores (Casteleiro, 1979; Ambar, 1999; Costa & Duarte, 2001; e.o.), existem em português europeu standard² pelo menos seis estratégias diferentes de clivagem: i) as clivadas canónicas (1); ii) as clivadas-wh (2); iii) as clivadas de *é que* (3); iv) as pseudoclivadas básicas (4); v) as pseudoclivadas invertidas (5); vi) as semipseudoclivadas ou clivadas de *ser* (6):

- (1) Foi o Pedro que telefonou.
- (2) Foi o Pedro quem telefonou.
- (3) O Pedro é que telefonou.
- (4) Quem telefonou foi o Pedro.
- (5) O Pedro foi quem telefonou.
- (6) O Pedro telefonou foi à mãe.

Embora haja alguma divergência na literatura quanto à análise sintática dos diferentes tipos de estruturas clivadas, é plausível considerar-se que: i) ao contrário das clivadas canónicas, clivadas-wh e pseudoclivadas, as clivadas de *é que* são frases simples, em que *é que* corresponde a uma expressão lexicalizada que preenche uma categoria funcional na periferia esquerda da frase (Soares, 2006; Lobo, 2006)³; ii) nas clivadas canónicas, o constituinte clivado é deslocado de uma posição do interior da oração subordinada para uma posição na periferia esquerda (Soares, 2006); iii) as clivadas canónicas não envolvem movimento-wh, ao contrário das clivadas-wh e das pseudoclivadas básicas e invertidas.

Relativamente às semipseudoclivadas (também chamadas *be_focus structures* em Ambar (1999) ou *that-less clefts* em Ambar (2005)), há também na literatura divergência de opinião não só quanto à estrutura sintática que lhes está associada, como também quanto ao tipo de constituinte clivado a que se associa. Costa & Duarte (2001) relacionam o facto de estas estruturas estarem disponíveis em português com a existência da construção de objeto nulo, argumentando que o constituinte clivado não pode ser maior do que um VP não máximo. Afirmam ainda que o constituinte clivado não pode ser um sujeito. A possibilidade de clivar sujeitos nestas estruturas é, no entanto, considerada por outros autores (Ambar, 1999) – veja-se (7). Para além disso, verifica-se que é possível clivar também constituintes internos a um DP, como em (8).

- (7) Telefonou foi o diretor da faculdade (não o reitor).
- (8) Quero comprar um livro é do Saramago (não do Lobo Antunes).

² Quando se consideram as variedades não standard, a diversidade de estratégias clivadas aumenta (cf. Costa & Lobo, 2009; Vercauteren, 2010).

³ Costa e Duarte (2001) consideram que *é que* lexicaliza C, mas assumem que a estrutura de base contém um CP encaixado.

O facto de apenas ser possível clivar constituintes que ocorrem em posição pós-verbal e de ser possível clivar constituintes internos a um DP constitui evidência a favor da ideia de que as semipseudoclivadas não envolvem movimento para a periferia esquerda da frase. Gostaríamos de sugerir que *ser*, nestas estruturas, marca a periferia esquerda do vP⁴, e codifica como focalizado contrastivamente todo o material no interior do vP (9). Quando existe um constituinte desfocalizado, este é movido por *scrambling* para fora do vP (9c, 9d e 9e):

- (9) a. Dançou foi a Maria.
b. A Maria arrumou foi o quarto.
c. Comeu o bolo foi a Maria.
d. A Maria ofereceu o carro foi ao João.
e. A Maria ofereceu ao João foi o carro.

Há alguns argumentos a favor desta análise, que só podemos apresentar brevemente neste trabalho. Por um lado, a análise explica que as semipseudoclivadas sejam o único tipo de clivada que pode aparentemente clivar mais do que um constituinte (cf. 10a vs. 10b,c). Nestas estruturas, todo o material que permanece no interior do vP parece ser de facto focalizado, marcando *ser* a fronteira do material focalizado.

- (10) a. A Maria ofereceu foi um carro ao João. (não uma mota ao Pedro)
b. *Foi um relógio ao pai que o João ofereceu.
c. *Um relógio ao pai é que o João ofereceu.

Por outro lado, a distribuição do advérbio *bem*, que pode ser considerado um elemento que delimita a fronteira esquerda do vP em português (Costa, 1998), confirma esta análise. Veja-se que *bem* pode preceder imediatamente *ser* nestas estruturas (11), mesmo quando mais do que um argumento é focalizado (11c), o que sugere que o constituinte focalizado se encontra no interior do vP.

- (11) a. Dançou **bem foi** a Maria.
b. A Maria arrumou **bem foi** o quarto.
c. O Pedro colocou **bem foi** os pregos na janela.

Existem também estruturas fragmentárias, com o verbo *ser* seguido de um constituinte, que têm sido analisadas como clivadas truncadas (cf. Matos, 1992; Santos, 2004; Soares, 2006; Santos, 2009). Estas estruturas podem ser encontradas em contextos retificativos ou em respostas a interrogativas parciais, por exemplo:

⁴ *Ser* pode ainda aparecer na periferia esquerda de uma categoria funcional no DP.

(12) - O João chegou atrasado. / - Não. Foi o Rui!

(13) - Quem chegou atrasado? / - Foi o Rui.

Tal como as clivadas, os fragmentos com *ser* apresentam efeitos de movimento (Santos, 2009), o que favorece a sua análise como estruturas elididas e não como estruturas copulativas, distinguindo-se de fragmentos de outra natureza (Soares, 2006; Santos, 2009).

Do ponto de vista discursivo, embora fosse necessário fazer uma análise mais aprofundada das propriedades discursivas associadas a cada tipo de estrutura clivada, sabemos que elas não são todas iguais e que não são igualmente felizes em qualquer contexto. É possível identificar algumas diferenças nos valores pragmáticos e nas propriedades discursivas associadas a diferentes tipos de estruturas clivadas:

i) as pseudoclivadas podem estar associadas a informação nova, mas não as clivadas de *é que*, o que se reflete no facto de estas últimas não serem pragmaticamente adequadas como resposta a uma interrogativa parcial:

(14) A. Quem comeu o último bombom?

B. a) Quem comeu o último bombom foi o Pedro.

b) #O Pedro é que comeu o último bombom.

ii) as clivadas de *é que* têm necessariamente uma leitura contrastiva (cf. Vercauteren, 2010), o que nem sempre acontece com outros tipos de clivadas;

iii) alguns tipos de clivadas permitem que o foco não incida apenas no constituinte clivado, mas também em toda a proposição ou no IP/VP (Santos, 2006 para as clivadas de *é que* do português e Fernández-Soriano, 2009 para as pseudoclivadas do espanhol):

(15) Eu não queria vir. O Pedro é que insistiu.

[=o que aconteceu foi que o Pedro insistiu]

(16) O Pedro não é sempre assim. O que ele tinha era sono.

[=o que aconteceu é que ele tinha sono]

Finalmente, o estudo da aquisição das clivadas é extremamente relevante para avaliar hipóteses que defendem que a ordem de emergência das estruturas sintáticas na produção das crianças é determinada pela sua complexidade estrutural e derivacional. De acordo com a Hipótese da Complexidade Derivacional (Jakubowicz, 2004, 2005; Soares, 2006; Jakubowicz & Tuller, 2008), estruturas cuja derivação é menos complexa

emergem mais cedo do que aquelas que envolvem uma derivação mais complexa, podendo a complexidade ser medida de acordo com os seguintes parâmetros:

- i) Merge α n vezes dá lugar a uma derivação menos complexa do que Merge α (n+1) vezes.
- ii) Merge interno de α dá lugar a uma derivação menos complexa do que Merge interno de $\alpha + \beta$.

A esta formulação, Soares (2006) acrescenta:

- iii) A computação de um núcleo dependente é mais complexa do que a de um núcleo não dependente.

Assim, tendo em conta a Hipótese da Complexidade Derivacional e assumindo que as clivadas de *é que* correspondem a frases simples, ao contrário de clivadas canónicas, clivadas-wh e pseudoclivadas (básicas e invertidas), prediz-se:

- a) uma menor complexidade das clivadas de *é que*;
- b) (consequentemente) uma emergência mais precoce das clivadas de *é que*.

Para além disso, na computação de uma estrutura clivada, há outros fatores que podem ser responsáveis por um aumento da complexidade. Na literatura em aquisição, são bem conhecidas as assimetrias entre estruturas com extração de sujeito e de objeto. Vários autores têm mostrado que são mais simples as estruturas com movimento-A' do sujeito do que aquelas em que há movimento-A' do objeto (Friedmann & Novogrodsky, 2004 e bibliografia aí referida). Estas assimetrias têm sido atribuídas ao facto de, nas estruturas com movimento de objeto, mas não nas de sujeito, haver um constituinte que se interpõe entre os dois elementos da cadeia (elemento movido e seu vestígio). Friedmann, Belletti & Rizzi (2009), na sequência de Grillo (2005, 2008), explicam estes efeitos de intervenção em termos de Minimalidade Relativizada. Este princípio determina que não possa intervir entre os dois elementos de uma cadeia um constituinte que com ela partilhe exatamente os mesmos traços. Para os adultos, o facto de o constituinte movido partilhar alguns traços com um interveniente não é problemático – veja-se o caso das relativas objeto, nas quais o objeto movido partilha traços com o sujeito interveniente (Friedmann, Belletti & Rizzi, 2009). Contudo, tais estruturas serão mais complexas para as crianças, visto que estas teriam um sistema que adere a uma versão mais restritiva da Minimalidade Relativizada, i.e., que exige que o elemento movido e o interveniente tenham traços completamente distintos. Tal poder-se-ia dever ao facto de o sistema inicial da criança ser caracterizado por uma memória operativa mais limitada (Friedmann, Belletti & Rizzi, 2009).

Ora, também nas estruturas clivadas (clivadas canónicas, clivadas de *é que*, clivadas-wh e pseudoclivadas) podemos ter cadeias-A' em que a cabeça é um sujeito ou um objeto. De acordo com a hipótese da intervenção, prediz-se que, nestas estruturas, a derivação de uma clivada de objeto implique um grau de complexidade maior do que a

de uma clivada de sujeito. Na realidade, ainda que sejam escassos os trabalhos sobre aquisição de clivadas, há alguns resultados a favor desta ideia. Lempert & Kinsbourne (1980) realizam um teste de compreensão (tarefa de *act out*) com crianças de 2;5 a 6;3 anos, de língua materna inglesa, e mostram que as crianças interpretam corretamente as clivadas de sujeito (em 96% dos casos), revelando, no entanto, dificuldades na interpretação de clivadas de objeto. Hupet & Tilmant (1989) apresentam também resultados que podem ser interpretados no mesmo sentido. Com base num teste de produção induzida de clivadas canónicas aplicado a crianças francesas de 4 a 10 anos, os autores mostram que a produção de clivadas de sujeito (agente) é bastante superior à produção de clivadas de objeto (paciente).

Finalmente, outros fatores podem ainda determinar o carácter mais complexo da derivação de certas clivadas. Constatamos, por exemplo, que algumas semipseudoclivadas apresentam um sujeito pós-verbal (veja-se 9a,c acima). Foi sugerido que, nestas estruturas, o constituinte focalizado fica no interior do vP, o que quer dizer que também o sujeito pode ficar dentro do vP, quando é focalizado. Assim, semipseudoclivadas de sujeito e de objeto direto são estruturalmente idênticas, no sentido em que não implicam o movimento do constituinte focalizado para fora do vP. No entanto, as semipseudoclivadas de sujeito, contrariamente às semipseudoclivadas de objeto, apresentam uma ordem marcada, VS, o que pode constituir uma dificuldade acrescida para as crianças. Note-se que alguns trabalhos sobre a aquisição do português sugerem que a ordem VS é rara na produção das crianças e que estas privilegiam a ordem canónica. Soares (1998), que analisa a produção espontânea de uma criança de língua materna portuguesa de 1;2 aos 2;2 anos, mostra que a ordem VS é rara em construções transitivas e inergativas, e que os primeiros sujeitos lexicais são realizados numa posição pré-verbal. Adragão (2001), num estudo sobre a aquisição do sujeito por uma criança dos 2 aos 3 anos, mostra que a ordem VS só aparece em 7% dos contextos nos quais o sujeito é foneticamente realizado. Além disso, as sequências VS encontradas correspondem maioritariamente a construções inacusativas. Por outro lado, Hildebrand (1987), num estudo sobre a aquisição de *preposition stranding*, realiza um teste de produção induzida de clivadas a crianças dos 4 aos 10 anos e conclui precisamente que as crianças começam por adquirir as estruturas menos marcadas⁵. Assim, é plausível predizer-se que as semipseudoclivadas de sujeito, que apresentam uma ordem marcada, emergem mais tarde do que as semipseudoclivadas de objeto na produção das crianças. Finalmente, também se espera que semipseudoclivadas que implicam *scrambling*, uma operação suplementar, sejam adquiridas mais tarde do que semipseudoclivadas que não apresentam *scrambling*, na medida em que uma semipseudoclivada de sujeito em que o objeto é extraído de uma posição mais encaixada do que o sujeito e movido por *scrambling* para o exterior do vP (cf. 9c

⁵ Para Hildebrand (1980), quanto maior for o grau de encaixe da categoria vazia deixada pelo movimento do constituinte clivado, maior é a natureza marcada da estrutura.

repetido aqui como 17) pode provocar exactamente os mesmos efeitos de intervenção que predizemos em clivadas de objeto canónicas ou de *é que*.

(17) Comeu o bolo foi a Maria.

O nosso trabalho tem como objetivo estudar a aquisição das estruturas clivadas do português, considerando quer dados de produção espontânea (secção 2.), quer dados de produção induzida (secção 3.). Pretende-se não só que os dados da aquisição contribuam para a validação de análises teóricas propostas para a gramática do adulto, como para a caracterização dos fatores de complexidade relevantes para aquisição. Pretende-se ainda contribuir para a compreensão do processo de aquisição de estruturas que envolvem a interface sintaxe-discurso. Discutiremos (secção 4.) de que forma os dados obtidos são compatíveis com o que foi encontrado para outro tipo de estruturas e se se confirmam ou não as diferentes hipóteses teóricas.

2. Produção espontânea

Para este trabalho, recorreremos a dois corpora de fala espontânea, que incluem cada um três crianças (Santos, 2006; Soares, 2006), com as características indicadas nas Tabelas 1 e 2:

Criança	Idade	MLUw	Nº de ficheiros	Nº de enunciados da criança
INM	1;5.9 – 2;7.24	1.315 – 2.370	15	5101
TOM	1;6.18 – 2;9.7	1.286 – 2.954	16	6800
INI	1;6.6 – 3;11.12	1.527 – 3.815	21	6591

Tabela 1. Corpus de Santos (2006)

Criança	Idade	MLUw	Nº de ficheiros	Nº de enunciados da criança
MAR	1;2.0-2;2.17	1.3-2.5	12	3945
SAN	2;6.3-3;5.17	2.4-3.7	12	7249
CAR	3;6.24-4;6.18	2.7-4.5	14	7690

Tabela 2. Corpus de Soares (2006)

Para a análise, considerámos todas as produções das crianças, e ainda os enunciados produzidos pelos adultos do corpus de Santos (2006), de forma a verificarmos até que ponto os dados do input são condizentes com as produções das crianças.

Nas produções espontâneas das crianças, foram encontrados exemplos dos diferentes tipos de estruturas clivadas – clivadas de *é que* (18); clivadas canónicas (19); clivadas-wh (20); semipseudoclivadas (21)-(22); pseudoclivadas básicas (23); pseudoclivadas invertidas (24)-(25):

- (18) SAN: A minha mãe é que vem fazer # um ba(r)co pa(ra) mim. (2;7.26)
 (19) SAN: Foi a Mariana que deu-me este jogo. (3;0.21)
 (20) SAN: Não é esta o que eu quero! (3;0.21)
 (21) TOM: Olha # tem que ti(r)ar é # o t(r)iângu(lo). (2;4.0)
 (22) INI: Eu ach(o) qu(e) el(e) ia era cai(r) dali de cima. (3;4.6)
 (23) CAR: O que eu comi primeiro foi # o almoço. (3;10.4)
 (24) INI: <Ess(e) era> [//] # estes dois eram # qu(e) iam ver. (3;7.29)
 [alvo: Estes dois eram os que iam ver]
 (25) CAR: Ah mas os nomes são os que (es)tão aqui. (4;4.15)

A análise da produção espontânea das crianças permite perceber qual a ordem de emergência dos vários tipos de estruturas clivadas. No corpus de Soares (2006), a criança mais nova (MAR) não produz clivadas; a segunda criança (SAN) produz clivadas de *é que* aos 2;7, um pouco antes de surgirem clivadas canónicas e clivadas-wh (3;0); nos enunciados produzidos pela criança mais velha (CAR), as clivadas de *é que* e as clivadas canónicas aparecem nos primeiros ficheiros, aos 3;6, antes das pseudoclivadas básicas, que surgem aos 3;10 e antes das pseudoclivadas invertidas, que surgem aos 4;4.

No corpus de Santos (2006), a criança mais nova (INM) produz apenas clivadas de *é que*; a criança mais velha (INI) produz clivadas de *é que* aos 2;1, antes de produzir clivadas canónicas (2;3), semipseudoclivadas (3;4) e proto-pseudoclivadas invertidas (3;7) (o caso de 24). A única criança que tem um comportamento um pouco inesperado, tendo em conta as predições feitas pela Hipótese da Complexidade Derivacional, é TOM, em cujas produções as clivadas canónicas emergem primeiro (2;1), seguindo-se as clivadas de *é que* (2;3) e as semipseudoclivadas (2;4). Esta criança, contudo, distingue-se das outras em vários aspetos, revelando um desenvolvimento bastante rápido (veja-se Santos, 2006), o que permite pensar que o momento em que começou a ser gravada já não coincidia com os estádios iniciais de produção de clivadas.

Assim, para a maioria das crianças, a ordem de emergência das estruturas corresponde àquilo que é esperado de acordo com as predições que enunciámos na secção 1: i) as clivadas de *é que* emergem ligeiramente mais cedo do que as clivadas canónicas; ii) as semipseudoclivadas (clivadas de *ser*) e as clivadas que envolvem um constituinte-wh emergem mais tarde. O aparecimento mais tardio das clivadas-wh e das

semipseudoclivadas pode ser atribuído a uma maior complexidade destas estruturas. No primeiro caso, a complexidade pode explicar-se pelo facto de estas estruturas serem frases complexas que envolvem movimento-A' de um operador. Quanto à complexidade das semipseudoclivadas, voltaremos a esta questão na secção 4. Considerando agora o total de construções clivadas produzidas pelas crianças e o tipo de constituintes clivados, verificamos que há um claro predomínio de clivadas de sujeito:

- i) 41 sujeitos, 4 objetos, 3 adjuntos clivados, no corpus de Santos (2006)
- ii) 106 sujeitos, 24 objetos, 29 adjuntos clivados, no corpus de Soares (2006)

No entanto, a produção de clivadas de objeto é bastante precoce, como mostram as seguintes produções:

- (26) TOM: É e(s)ta qu(e) o Tá(s)@f conta? (2;1.7)
- (27) SAN: É esta que eu quero. (3;0.21)

A emergência de clivadas de objeto em estádios de desenvolvimento precoces poderia ser considerada um pouco inesperada de acordo com a hipótese de que as estruturas que apresentam um elemento interveniente entre o constituinte movido e o seu vestígio são mais complexas (Friedmann, Belletti & Rizzi, 2009; e.o.). No entanto, nas clivadas de objeto encontradas, há traços, nomeadamente semânticos, dos DPs sujeito e objeto que não são coincidentes. Como mostram diferentes autores, a não coincidência de traços semânticos, como os de animacidade (Garrafa & Grillo, 2008, para agramáticos), ou de traços gramaticais, como os de género e número (cf. Adani et al., 2009), pode ser um elemento facilitador.

Verifica-se ainda, nos dados de produção espontânea das crianças, que: i) as clivadas de *é que* são usadas apenas para clivar sujeitos ou adjuntos, exceto no caso da criança mais velha (CAR); ii) as semipseudoclivadas são usadas apenas para clivar argumentos internos e VPs dependentes de um verbo auxiliar.

A análise da emergência e proporção de produção de tipos de clivada e tipos de constituintes clivados na produção espontânea das crianças não deve, contudo, ignorar o que ocorre na produção de adultos, nomeadamente na fala dirigida às crianças. Numa circunstância em que a criança (como o adulto) tem disponíveis várias estruturas (tipos de clivadas) para responder a uma mesma necessidade discursiva, será importante perceber se as escolhas das crianças coincidem com as dos adultos. Considerando os dados de produção espontânea de adultos do corpus de Santos (2006), num total de 55591 enunciados, verificamos que os adultos têm também taxas de produção variáveis para os diferentes tipos de estruturas clivadas e que, na verdade, coincidem com o padrão de emergência observado nas crianças. Como se mostra na tabela 3 abaixo, as clivadas de *é que* são de longe o tipo de clivadas que tem uma frequência mais alta

(49%), seguindo-se as clivadas canónicas (33%) e as semipseudoclivadas (16%). As pseudoclivadas (básicas e invertidas) têm uma frequência muito reduzida.

Clivadas produzidas	%
Clivadas de <i>é que</i>	290 (49%)
Clivadas canónicas	193 (33%)
Semipseudoclivadas	92 (16%)
Pseudoclivadas	13 (2%)
Pseudoclivadas invertidas	3 (0,5%)

Tabela 3. Taxas de produção de diferentes tipos de estruturas clivadas pelos adultos no *corpus* de Santos (2006)

Por outro lado, se olharmos para a natureza dos constituintes clivados nas produções dos adultos, verificamos que existem também assimetrias quanto à clivagem de diferentes constituintes.⁶ Como mostra a tabela 4, são muito mais frequentes as clivadas em que o constituinte clivado é o sujeito do que aquelas em que se clivam adjuntos ou argumentos internos:

Constituinte clivado	%
Sujeito	299 (64%)
Adjunto	85 (18%)
Argumento interno (objeto direto, objeto indireto e argumento oblíquo)	81 (17%) (65, i.e. 14%, são objetos diretos)

Tabela 4. Frequência de clivagem de sujeitos, adjuntos e argumentos internos em clivadas de *é que* e clivadas canónicas.

Mais interessante ainda é o facto de as clivadas de *é que* serem preferencialmente usadas para clivar sujeitos (69,5%) e adjuntos (23,6%) e só raramente para clivar objetos (6,9%). Pelo contrário, 32,6% das clivadas canónicas são clivadas de um argumento interno, havendo uma correlação significativa entre o tipo de constituinte clivado e o tipo de estrutura clivada ($\chi^2(2) = 56.025$, $p < 0001$).

É de observar ainda que, ao contrário do que preveem Costa & Duarte 2001, nas produções dos adultos, se encontram algumas semipseudoclivadas em que o constituinte

⁶ Consideraram-se apenas os tipos mais frequentes: clivadas de *é que* e clivadas canónicas.

clivado é o sujeito: 7 (em 92, logo 8%). Trata-se de sujeitos (DP ou oração) que ocupam sempre a posição pós-verbal, de acordo com o esperado (28):

(28) Só vêm é maus para esta família.

Os dados de produção espontânea têm, contudo, as suas limitações. Como sabemos, por mais extenso e diversificado que seja o corpus, que, neste caso, abrangia crianças entre os 1;10 e 4;6, nem sempre é possível registar as construções que se pretende analisar, seja porque não surgiu o contexto discursivo adequado, seja porque se trata de uma estrutura de baixa frequência. Assim, entendemos que seria importante complementar os dados de produção espontânea, procurando construir uma situação experimental que induzisse a produção de clivadas e que permitisse verificar se as crianças produzem um leque mais variado de estruturas quando se encontram numa situação que cria essa necessidade do ponto de vista pragmático.

3. Produção induzida

3.1. Metodologia

Para verificarmos se as crianças produzem outros tipos de clivadas em contextos discursivos apropriados, provocámos a produção destas estruturas, adotando uma metodologia idêntica à utilizada por Hupet & Tilman (1989). Assim, as crianças foram convidadas a observar cenas associadas a um determinado contexto discursivo suscetível de nelas criar a necessidade de “contrastar as suas próprias crenças ou conhecimentos com os dos seus interlocutores” (Hupet & Tilman, 1989: 251). Tratava-se de uma situação semelhante a uma tarefa de julgamento de valor de verdade apoiada em imagens, embora o objetivo fosse diferente: um boneco (neste caso, um sapo) descrevia uma série de imagens que representam situações da vida quotidiana de uma família. A tarefa da criança era determinar se o boneco descrevia corretamente cada imagem e corrigi-lo se tal não fosse o caso. Assim, nos itens teste, havia sempre uma disparidade entre a situação apresentada na imagem e a descrição dada pelo boneco, criando-se deste modo um contexto natural para a produção de uma clivada. Estamos assim a pressupor, como Kiss (1998), que o constituinte clivado é uma instância de foco contrastivo. A figura 1, associada ao item em (29), constitui um exemplo de um item teste apresentado aos participantes. Trata-se de um exemplo no qual existe uma discrepância que afeta o sujeito.



Figura 1. Imagem associada ao item em (29).

(29) O pai está a pentear a menina.

A figura 2, associada a (30), corresponde, pelo seu lado, a um exemplo no qual o elemento visado é o objeto direto:



Figura 2. Imagem associada ao item em (30).

(30) A mãe está a pentear a menina.

O teste compreendia quatro condições – sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto –, visto que se pretendia justamente induzir a produção de clivadas nas quais o constituinte clivado tivesse uma destas funções sintáticas. Para cada condição construíram-se dez itens teste, exceto para a condição do objeto indireto, que compreendia apenas quatro itens teste. Foram igualmente previstos dois itens de treino e dez itens distratores. O grupo de controlo incluiu 22 adultos dos 18 aos 48 anos, sem formação em linguística. Testou-se um total de 51 crianças monolíngues de língua materna portuguesa, divididas em três grupos: 14 crianças de 3 anos (idades entre 3;2 e 3;11, média 3;6), 20 crianças de 4 anos (idades entre 4;0 e 4;11, média 4;6), 17 crianças de 5/6 anos (idades entre 5;0 e 6;2, média 5;6). As respostas foram gravadas e anotadas durante a sessão, tendo sido transcritas posteriormente. As respostas foram anotadas em função dos tipos de estrutura produzidos, sendo os mais

frequentes os apresentados em (31). As clivadas foram igualmente anotadas em função do tipo de constituinte clivado (tipo de argumento versus adjunto).

- (31) a. Clivada de *é que*:
O bebé é que a mãe está a pentear.
b. Clivada canónica:
É o bebé que a mãe está a pentear.
c. Clivada canónica com omissão do complementador⁷:
É o bebé a mãe está a pentear.
d. Fragmento SER:
É o bebé.
e. Fragmento XP:
O bebé.
f. Frase simples⁸:
A mãe está a pentear o bebé.

Todas as estratégias apresentadas em (31) são gramaticais, exceto (31c). A omissão do complementador em clivadas e noutras estruturas (nas completivas, por exemplo) corresponde a um fenómeno atestado em dados da produção espontânea do português (Soares, 2006; Santos, 2006) e de outras línguas (Clahsen, Kursawe & Penke, 1996; De Cat, 2002).

Durante a realização do teste, cada imagem era apresentada ao mesmo tempo que o boneco dizia a frase correspondente, esperando-se em seguida pela resposta da criança. Quando a resposta era uma clivada, passava-se para o item teste que se seguia. Mas, quando a criança utilizava outra estratégia, o boneco podia insistir, de modo a incitar a criança a produzir outra resposta. Esta fase de explicitação de respostas foi realizada nos seguintes moldes:

- a) Se a criança responde com uma frase simples, o boneco diz “OK, já percebi” e repete a descrição incorreta (ou seja, o item teste original).
b) Se a criança responde com uma resposta fragmentária introduzida por SER (por exemplo, “É o bebé”), o boneco pergunta “É o bebé o quê?”.
c) Se a criança responde com um fragmento simples (por exemplo, “O bebé”), o boneco pergunta “O bebé o quê?”.

Estas estratégias não foram utilizadas com todos os itens teste, visto a atenção das crianças ser limitada (especialmente no que diz respeito às crianças mais novas). A frequência de utilização destas estratégias dependeu do grau de interesse e de concentração de cada criança. Por isso, as respostas obtidas na fase de explicitação

⁷ Apenas foram considerados casos de omissão do complementador das clivadas nas quais não existe uma rutura prosódica entre o constituinte clivado e o constituinte que se encontra à sua direita.

⁸ Nestes casos, o constituinte focalizado recebe foco prosódico.

foram analisadas à parte e serão utilizadas para completar a discussão central dos dados, apoiada nas primeiras respostas das crianças.

3.2. Resultados

Na condição de sujeito, as respostas fragmentárias e as frases simples correspondem às respostas mais frequentes dadas pelas crianças. Note-se que o grupo de controlo produz uma percentagem muito reduzida de respostas fragmentárias. Veja-se a tabela 5, na qual apresentamos os tipos de respostas produzidas na condição sujeito⁹.

	<i>é que</i> SU	Canónica SU	Cliv Oque SU	Pseudo- clivada básica	Clivada Wh-	Fragmento SER	Fragmento XP	Frase simples	Outra
3 anos	15,7	1,4	0,0	0,0	0,0	15,0	40,0	22,9	5,0
4 anos	1,0	3,0	0,0	0,0	0,0	57,9	23,8	11,9	2,5
5 anos	20,0	11,2	0,6	0,0	0,0	29,4	10,6	28,2	0,0
adultos	26,5	13,9	0,0	2,2	5,4	1,3	0,4	49,3	0,9

Tabela 5. Percentagem de tipos de respostas produzidas na condição de sujeito.

Ainda no que diz respeito às respostas fragmentárias, verificamos que existe um contraste importante entre o grupo dos 3 anos e os das crianças mais velhas. As crianças de 3 anos produzem sobretudo fragmentos simples (“Fragmento XP” na tabela) (num total de 40% de respostas) e apenas 15% de respostas fragmentárias introduzidas por SER. Já as crianças de 4 anos e as de 5/6 anos produzem maioritariamente respostas fragmentárias introduzidas por SER (grupo dos 4 anos: 57,9% versus 23,8% do total de respostas; grupo dos 5/6 anos: 29,4% versus 10,6% do total de respostas). Finalmente, no que diz respeito à produção de clivadas, as clivadas de *é que* são as clivadas produzidas com mais frequência pelos adultos e pelas crianças, embora os dois grupos também produzam clivadas canónicas. As crianças de 3 anos produzem 15,7% de clivadas de *é que* (contra 1,4% de clivadas canónicas), as crianças de 5/6 anos produzem 20% de clivadas de *é que* (contra 11,2% de clivadas canónicas) e os adultos produzem 26,5 de clivadas de *é que* (contra 13,9% de clivadas canónicas). Estes resultados confirmam a correlação encontrada nos dados da produção espontânea: as clivadas de *é que* são em geral mais frequentes e preferencialmente utilizadas para clivar sujeitos. Finalmente, apenas os adultos produzem pseudoclivadas básicas (32a) e clivadas-wh (32b):

⁹ Os resultados são apresentados em percentagens de modo a podermos comparar as respostas de grupos com um número de participantes diferente e condições com um número distinto de itens.

- (32) a. Quem está a lavar o bebé é a mãe.
b. Não. É o menino quem está a molhar a bicicleta.

As clivadas de *é que* e as clivadas canónicas são também os únicos tipos de clivadas produzidos pelas crianças na fase de explicitação de respostas. É aliás particularmente relevante notar que as crianças de 4 anos produzem 13 clivadas canónicas¹⁰, na sequência de uma pergunta como a de (33) e depois de terem realizado uma resposta fragmentária introduzida por SER:

- (33) Criança: É o gato.
Sapo: É o gato o quê?
Criança: a. É o gato que está a morder a bola.
b. Que está a morder a bola.

As mesmas crianças produzem também respostas como a de (33b), o que sugere que as respostas fragmentárias com SER estão de facto a ser tratadas como instâncias de clivadas elididas.

Na tabela 6, apresentamos a distribuição das respostas obtidas na condição de objeto direto. Conclui-se que não há praticamente produção de clivadas de objeto direto nem pelas crianças nem pelos adultos – a produção de 3 clivadas canónicas por uma criança de 4 anos e a realização de uma semipseudoclivada por um adulto constituem as únicas exceções. Os fragmentos introduzidos por SER são apenas frequentes no grupo dos 4 anos.

	<i>é que</i> O	Canónica O	<i>é que</i> SU	Canónica SU	Ambíguas (sujeito nulo)	Semi- pseudo clivada	Fragmento SER	Fragmento XP	Frase simples	Outra
3 anos	0,0	0,0	1,4	0,7	0,0	0,0	0,0	57,9	34,3	5,7
4 anos	0,0	1,5	0,0	0,0	1,5	0,0	27,0	44,5	23,0	2,5
5 anos	0,0	0,0	1,8	0,0	0,0	0,0	4,7	30,0	62,9	0,6
adultos	0,0	0,0	0,5	0,5	0,0	0,5	0,0	0,5	97,3	0,9

Tabela 6. Percentagem de tipos de respostas produzidas na condição objeto direto.

Há ainda produção de clivadas ambíguas, pela mesma criança de 4 anos. Neste caso, é produzida uma estrutura clivada que pode ser interpretada de facto como clivada de objeto com um sujeito nulo (o que corresponderia à imagem) mas também poderia

¹⁰ Por se tratar de respostas dadas na fase de explicitação, não foram contabilizadas na tabela 5.

ser interpretada como clivada de sujeito, tendo nesse caso um objeto nulo. Veja-se em (34) um exemplo de uma dessas clivadas:

(34) É o menino que está a pentear.

Na condição de objeto, foi ainda produzido um tipo de estrutura inesperado – clivadas de sujeito, como as apresentadas em (35):

(35) Sapo: O menino está a pintar a mãe.
Criança: a. O menino é que (es)tá a pintar o bebé.
b. Não, o menino é que (es)tá a pintar o bebé.

Um dos adultos realiza igualmente uma clivada de sujeito, mas neste caso recorrendo a uma estratégia legítima no contexto, i.e. usando a voz passiva:

(36) Não. O cão é que está a ser lavado pela mãe, o gato está a observar.

Na tabela 7 apresentamos os resultados obtidos na condição de adjunto. Os resultados obtidos são, na realidade, muito próximos dos resultados obtidos na condição de objeto direto: não há produção de clivadas de adjunto, exceto no caso da mesma criança de 4 anos, que produz clivadas canónicas de objeto; os fragmentos introduzidos por SER são pouco frequentes, exceto no grupo dos 4 anos.

	é que AD	canónica AD	é que SU	Cliv Oque SU	Semi- pseudo -clivada	Fragmento SER	Fragmento XP	Frase simples	Outras
3 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,1	67,9	22,9	7,1
4 anos	0,0	1,5	0,0	0,0	0,0	23,0	59,0	14,0	2,5
5 anos	0,0	0,0	0,6	0,6	0,0	5,4	47,6	45,8	0,0
adultos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,5	0,9	3,2	93,6	1,8

Tabela 7. Percentagem de tipos de respostas produzidas na condição de adjunto.

Finalmente, apresentamos na tabela 8 os resultados obtidos na condição de objeto indireto.

	é <i>que</i> OI	canónica OI	Cliv O SU	que <i>que</i> SU	canónica _SU	Semi- pseudo- clivada	Fragmento SER	Fragmento XP	Frase simples	Outra
3 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	33,9	16,1
4 anos	0,0	2,5	0,0	0,0	0,0	0,0	23,8	57,5	12,5	3,8
5 anos	0,0	0,0	1,5	1,5	1,5	0,0	4,4	29,4	58,8	2,9
adultos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,3	0,0	0,0	96,6	1,1

Tabela 8. Percentagem de tipos de respostas produzidas na condição de objeto indireto

Também neste caso se observam resultados semelhantes às restantes condições, com exceção da condição de sujeito: não são produzidas clivadas de objeto indireto, com exceção de duas clivadas canónicas produzidas pela mesma criança de 4 anos que apresenta este tipo de resposta noutras condições; são produzidas semipseudoclivadas, mas apenas por adultos; os fragmentos introduzidos por SER são frequentes apenas aos 4 anos.

4. Discussão

O conjunto de dados que apresentámos nas secções 1 e 2 mereceria uma discussão pormenorizada e aprofundada que não cabe neste trabalho. Vamos assim centrar-nos em algumas das grandes conclusões a que podemos chegar, levantando ainda hipóteses para trabalho futuro.

Em primeiro lugar, e no que diz respeito à ordem de emergência de diferentes tipos de clivadas, os dados experimentais confirmam os resultados da análise da produção espontânea: as clivadas de *é que* são mais precoces e mais frequentes nos primeiros estádios de aquisição, sendo possível estabelecer uma escala de emergência e de frequência como a que se apresenta em (37).

(37) Clivadas de *é que* > canónicas > semipseudoclivadas > clivadas com elementos-wh

É de particular interesse, neste caso, o contraste entre clivadas de *é que* e clivadas canónicas. Por um lado, este contraste é um argumento a favor de uma análise distinta de clivadas *é que* e canónicas, particularmente uma análise como a de Lobo (2006) ou Soares (2006), que tomam as clivadas de *é que* como mono-oracionais e as clivadas canónicas como bioracionais. Assim, como Soares (2006) interpretamos a emergência mais precoce de clivadas de *é que* à luz de uma hipótese que mostrou também ser capaz de explicar dados de aquisição de outras estruturas complexas, a Hipótese de

Complexidade Derivacional, em particular a escala de complexidade de Soares (2006), que se baseia na ideia de que a computação de uma oração encaixada é mais complexa do que a computação de uma frase raiz.

No que diz respeito às semipseudoclivadas, os dados de produção espontânea aqui apresentados confirmam que este tipo de clivadas pode ser usado para clivar sujeitos, o que não permite manter uma análise como a de Costa & Duarte (2001), que associa esta estrutura à estrutura de objeto nulo. No que diz respeito à posição deste tipo de clivadas na escala de aquisição em (37), podemos sugerir que vários fatores podem contribuir para a sua aquisição mais tardia. Em primeiro lugar, assumindo-se as linhas gerais de análise desta estrutura que sugerimos na secção 1, a aquisição de semipseudoclivadas implica a aquisição de um item lexical de focalização (*ser*, nas formas *é*, *era*, *foi*), possivelmente relacionado com as formas gramaticalizadas que surgem em respostas a interrogativas globais, em interrogativas-tag ou em estruturas de afirmação enfática (veja-se Santos, 2006; Santos & Hagemeyer, 2004), mas neste caso com traços particulares que o identificam como um elemento focalizador que pode operar quer no domínio do vP, quer no domínio do DP (até certo ponto como *só*, embora com uma distribuição mais restrita). Por outro lado, no caso específico de semipseudoclivadas de sujeito, a produção desta estrutura corresponde à produção de uma ordem de palavras (VS) que reconhecidamente não é preferida na produção espontânea. Finalmente, uma semipseudoclivada de sujeito pode implicar *scrambling* (e.g. de um argumento interno sobre outro ou de um objeto sobre o sujeito), o que pode gerar efeitos de intervenção.

Do ponto de vista do tipo de constituinte clivado, os dados experimentais confirmam também os resultados da análise da produção espontânea: existe de facto uma assimetria entre sujeitos e outro tipo de constituintes, expressa por uma preferência clara pela clivagem de sujeitos. Essa assimetria confirma uma assimetria sujeito/objeto encontrada em muitos estudos (de produção ou compreensão) sobre interrogativas wh-, relativas ou clivadas (veja-se discussão na secção 1). Contudo, há vários fatores que tornam uma explicação em termos de Minimalidade relativizada (como a sugerida por Friedmann, Belletti & Rizzi 2009) insuficiente para dar conta destes dados em particular. Em primeiro lugar, a assimetria que observámos não é uma simples assimetria sujeito vs. objeto explicável por efeitos de intervenção gerados pelo facto de um DP intervir entre um DP movido e o seu vestígio; pelo contrário, trata-se de uma assimetria sujeito vs. objeto direto, objeto indireto e adjunto, o que enfraquece uma explicação deste tipo como a única necessária. Por outro lado, as clivadas não são relativas nem interrogativas e qualquer discussão sobre clivadas deve considerar que, neste caso, se trata de uma estrutura de foco identificacional, codificando focalização contrastiva (Kiss, 1998). Ora, se o objeto em posição pós-verbal pode receber foco prosódico por defeito (*Nuclear Stress Rule*, Cinque, 1993), as crianças podem de facto preferir focar o objeto (ou quaisquer outros constituintes pós-verbais) recorrendo a estratégias de foco prosódico. Finalmente, está ainda por determinar (e está fora do

escopo deste trabalho) a adequação dos diferentes tipos de clivadas a diferentes contextos pragmáticos: não sabemos se o contexto que este teste cria é de facto o mais propício à produção de clivadas de objeto ou adjunto. Na verdade, é ainda recente o reconhecimento de que alguns tipos de clivadas (e.g. clivadas *é que* de sujeito) permitem que o foco não incida apenas no constituinte clivado, mas também em toda a proposição ou no IP/VP (veja-se a discussão dos exemplos 15 e 16 na secção 1). Criará esse tipo de enunciados algum tipo de ambiguidade no input que justifique a sobregeração pelas crianças de clivadas de sujeito em contextos em que um objeto ou um adjunto é contrastado (cf. tabelas 6, 7 e 8)?

Centrando-nos agora na relação entre o tipo de clivada e o tipo de constituinte clivado, quer os dados de produção espontânea quer os dados experimentais confirmam uma preferência pelas clivadas de sujeito e uma preferência pelas clivadas de *é que* (já discutida antes), mas também uma associação entre a clivagem com *é que* e a clivagem de sujeitos. A emergência precoce de clivadas de *é que* foi por nós explicada na linha da Hipótese de Complexidade Derivacional, sugerindo nós (tal como em Soares, 2006) que este tipo de clivada corresponde a uma derivação menos complexa do que outros tipos de clivadas frequentes, como as canónicas. Na verdade, se aceitarmos a hipótese de que, em *algumas* clivadas de *é que* de sujeito ou adjunto, o constituinte clivado pode ser gerado por Merge externo na sua posição final (veja-se Vercauteren, 2010 para dados dialetais), uma clivada de *é que* de sujeito pode mesmo corresponder a uma estrutura com um grau mínimo de complexidade de acordo com a métrica de Jakubowicz (2005). Se a Hipótese de Complexidade Derivacional for na verdade uma hipótese formulada em termos de processamento (Jakubowicz & Tuller, 2008), a clivada de *é que* de sujeito seria uma estrutura ótima no sentido de um grau mínimo de complexidade, o que justificaria não só a sua emergência precoce como também a sua maior frequência na fala espontânea ou provocada de adultos.

Finalmente, os dados que apresentamos neste trabalho permitem-nos apresentar novos argumentos a favor da natureza elíptica de respostas fragmentárias introduzidas por SER (Matos, 1992; Santos, 2004, 2009; Soares, 2006): por um lado, a ocorrência mais tardia de frequências elevadas de fragmentos SER XP do que fragmentos simples sugere que as duas estruturas não tenham o mesmo grau de complexidade; por outro lado, o aumento significativo de respostas que correspondem a fragmentos SER XP no grupo experimental de 4 anos coincide com a ocorrência de explicitação da estrutura como estrutura clivada (após insistência).

5. Conclusão

Neste trabalho, mostrámos que a Hipótese de Complexidade Derivacional permite dar conta da ordem de emergência de estruturas clivadas em dados de produção espontânea, bem como da evolução da produção de clivadas numa tarefa de produção

provocada. Estes dados apontam ainda para que as estruturas fragmentárias com SER sejam mais complexas do que os fragmentos simples, saindo reforçada a hipótese de que se trate de clivadas elípticas. Os dados da aquisição permitiram ainda testar a validade de diferentes hipóteses teóricas sobre a estrutura dos diferentes tipos de clivadas.

Referências

- Adani, Flavia, Heather K.J. van der Lely, Matteo Forgiarini e Maria-Teresa Guasti (2010) Grammatical feature dissimilarities make relative clauses easier: A comprehension study with Italian children. *Lingua* 120, pp. 2148–2166.
- Ambar, Manuela (1999) Aspects of the syntax of focus in Portuguese. In G. Rebuschi e L. Tuller, *The grammar of focus*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 23-53.
- Casteleiro, João Malaca (1979) Sintaxe e Semântica das Construções Enfáticas com “é que”. *Boletim de Filologia*, XXV.
- Cinque, G. (1993) Cinque, G. 1993. A null theory of phrase and compound stress. *Linguistic Inquiry* 24.2, pp. 239-297.
- Costa, João e Maria Lobo (2009) Estruturas clivadas: evidência dos dados do português europeu não standard. In Dermeval da Hora, org. *Anais – 6º Congresso Internacional da Abralín*. João Pessoa: Ideia, vol. 2.
- Costa, João e Inês Duarte (2001) Minimizando a Estrutura: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL/Colibri, pp. 627-638.
- Friedmann, Naama, Adriana Belletti & Luigi Rizzi (2009) Relativized relatives: Types of intervention in the acquisition of A-bar dependencies. *Lingua* 119, pp. 67-88.
- Friedmann, Naama & Rama Novogrodsky (2004) The acquisition of relative clause comprehension in Hebrew: A study of SLI and normal language development. *Journal of Child Language* 31, pp. 661-681.
- Garraffa, Maria & Nino Grillo (2008) Canonicity effects as a grammatical phenomenon. *Journal of neurolinguistics* 21.2, 177–197.
- Grillo, Nino (2005) Minimality effects in agrammatic comprehension. In Blaho, S., Schoorlemmer, E., Vicente, L. (eds.), *Proceedings of ConSOLE XIII*; pp. 106–120, (disponível em <http://www.sole.leidenuniv.nl/>).
- Grillo, Nino (2008) *Generalized minimality: syntactic underspecification in Broca’s aphasia*. diss. doutoramento. LOT, University of Utrecht.
- Hildebrand, Joyce (1987). The acquisition of preposition stranding. *Canadian Journal of Linguistics* 32, pp. 65-85.
- Hupet, Michel & Brigitte Tilmant (1989) How to make young children produce cleft sentences? *Journal of Child Language* 16, pp. 251-261.

- Jakubowicz, Celia (2004) Is Movement Costly? The Grammar and the Processor in Language Acquisition. Comunicação apresentada nas JEL'2004, Nantes, France, 5-7 maio.
- Jakubowicz, Celia (2005). The Language Faculty: (Ab)normal development and interface constraints. Comunicação apresentada no GALA, Siena, 8-10 setembro.
- Jakubowicz, Celia & Laurie Tuller (2008) Specific Language Impairment in French. In Ayoun, D. (ed.). *Studies in French Applied Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 97 – 134.
- Kiss, K. É. (1998) Identificational Focus versus Information Focus. *Language* 74, 245–273.
- Lempert, Henrietta & Marcel Kinsbourne (1980) Preschool children's sentence comprehension: strategies with respect to word order. *Journal of Child Language* 7.2, pp. 371-379.
- Lobo, Maria (2006) Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base. *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 457-473.
- Lobo, Maria & Stéphanie Dias Vaz (no prelo) Aquisição de exaustividade em estruturas interrogativas e clivadas do português europeu: desenvolvimento pragmático ou gramatical?
- Santos, Ana Lúcia (2004) “On the status of fragment answers in the acquisition of European Portuguese”, Second Lisbon Meeting on Language Acquisition, Universidade de Lisboa, Junho.
- Santos, Ana Lúcia (2006) *Minimal Answers. Ellipsis, syntax and discourse in the acquisition of European Portuguese*. Diss. doutoramento. Univ. Lisboa.
- Santos, Ana Lúcia (2009) The problem of fragment answers. *Iberia* 1.1, pp. 115-142.
- Santos, Ana Lúcia & Tjerk Hagemeijer (2004) Negation and affirmation in the right periphery. GURT, Georgetown University, Washington.
- Soares, Carla (2006) *La syntaxe de la périphérie gauche en portugais européen et son acquisition*. Diss. doutoramento. Univ. Paris 8.
- Vercauteren, Aleksandra (2010) *Como é que é com o é que? Análise de estruturas com é que em variedades não standard do português europeu*. Diss. mestrado. FCSH-UNL.